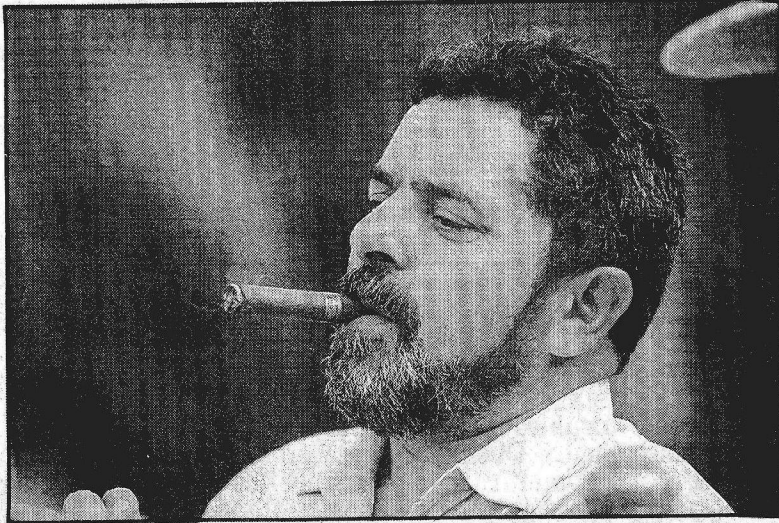




Fernando Henrique Cardoso: o tucano está próximo do Palácio do Planalto



Lula: o candidato petista largou na frente, mas foi atropelado pelo Real

O Brasil de cara nova

FRANKLIN MARTINS

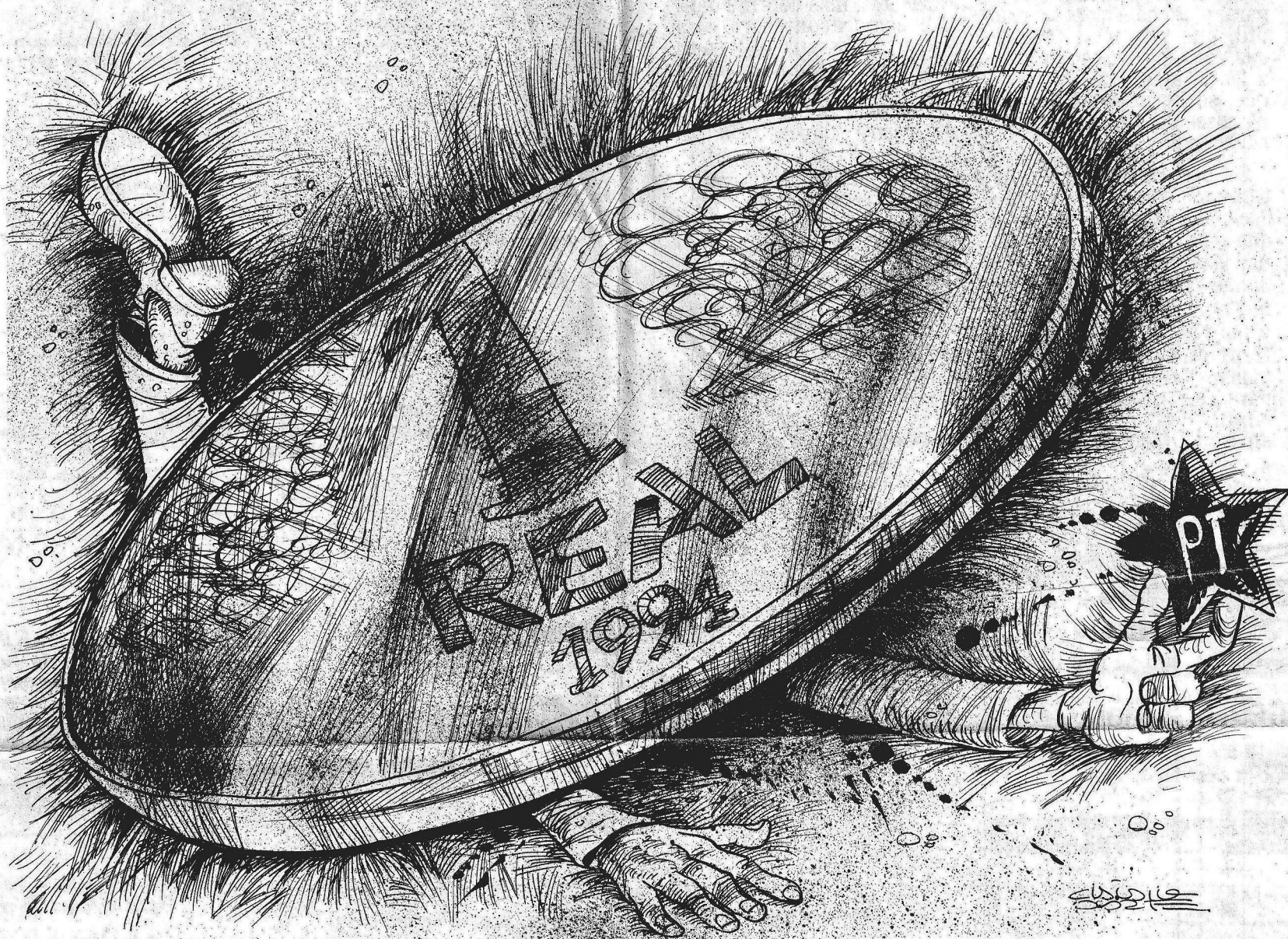
O Brasil muda de cara com as eleições de amanhã. Mais de 94 milhões de brasileiros estão registrados para escolher simultaneamente o novo presidente da República, os 27 governadores de estado e do Distrito Federal, 54 senadores, 513 deputados federais e 1.059 deputados estaduais ou distritais, na maior troca de guarda do poder de toda a História brasileira. O número de eleitores é impressionante, fruto da incorporação progressiva de novos contingentes da população ao processo decisório. Há menos de 50 anos apenas 15% dos brasileiros estavam habilitados a votar. Hoje, essa percentagem alcança 65%.

Mas não é somente o espetacular crescimento no número de eleitores que atesta as mudanças ocorridas no país. O perfil dos dois principais candidatos a presidente também é um indicio de que estamos encerrando um ciclo político. Se as pesquisas de opinião não forem desmentidas pelas urnas, o novo presidente da República deverá ser o senador tucano Fernando Henrique Cardoso. Durante o regime militar ele foi aposentado compulsoriamente da universidade, teve de exilar-se e posteriormente acabou preso. Na mesma época, seu principal adversário de hoje, Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, destacava-se como o mais importante líder sindical brasileiro e despertava para a luta política, sendo preso e processado pela Lei de Segurança Nacional.

O fato de Fernando Henrique e Lula terem origens comuns e respeito mútuo talvez tenha contribuído para o bom nível da campanha. Evidentemente, os candidatos trocaram caneladas entre si. Mas em momento algum partiram para as ofensas pessoais ou invadiram a vida familiar de seus adversários — um progresso em comparação à eleição de 1989.

Outra novidade da campanha: a vigilância da opinião pública. O clamor pela elevação dos padrões éticos na política fez vítimas em praticamente todas as coligações. Fernando Henrique e Lula tiveram de trocar seus vices, alvejados por denúncias de apresentação de emendas marotas ao orçamento. Um candidato a presidente, Flávio Rocha, foi forçado a abandonar a disputa quando veio a público que seu pai havia vendido ilegalmente bônus eleitorais com deságio. A opinião pública derrubou ainda dois ministros: Rubens Ricupero, depois de suas indiscrições captadas por antenas parabólicas, e Alexis Stepanenko, por suas trapalhadas nas tentativas de envolver a máquina administrativa na disputa eleitoral.

Mas, acima de tudo, a campanha presidencial foi marcada pela entrada em cena do Real, que alavancou a candidatura de Fernando Henrique, seu criador, e fez desabar a de Lula, até então franco favorito. O Brasil descobriu que uma moeda forte pode ser, além de meio de troca, reserva de valor e unidade de conta, como ensinam os economistas, um formidável cabo eleitoral.



“O PT avaliou mal, não entendeu que o país mudou e que o Real era uma aspiração do povo”

Fernando Henrique

“Se eu for eleito não acabarei com o Real. Mas vou pôr mais reais no bolso do povo”

Lula